

Estudo sobre Uso e Atratividade

Explorando as Atmosferas de Preferência no Parque Rita Lee, Rio de Janeiro

ET2: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Rebeca Barbosa da Costa Carvalho
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: rebeca.carvalho@fau.ufrj.br

Taiane Marcela Silva Alves
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: taiane.alves@fau.ufrj.br

Giselle Arteiro Nielsen Azevedo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: gisellearteiro@fau.ufrj.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo identificar os espaços atrativos e as atmosferas de preferência no Parque Rita Lee, localizado na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. A pesquisa analisa as dinâmicas de uso, interações espaciais e padrões de ocupação do parque em diferentes dias, horários e condições climáticas. O estudo parte da contextualização do Parque Rita Lee, analisando sua espacialidade e relação com o entorno, em seguida, são apresentados os principais arcabouços teóricos sobre espaços sociopetais e sociofugais, atratividade urbana e atmosferas de preferência, que fundamentam a pesquisa. A análise do parque ocorre em duas escalas: a primeira, analisa seu entorno imediato, compreendendo sua relação com a dinâmica do parque; e a segunda, na escala local, utiliza uma abordagem experiencial para identificar os espaços mais atrativos com base nos padrões de ocupação e interação social. Por fim, os estudos resultam na elaboração de uma tabela que categoriza o parque de acordo com os critérios de análise da Atmosfera de Preferência. A discussão avalia a eficiência dos métodos e ferramentas utilizados e busca identificar estratégias para a melhoria da apropriação do parque, relacionando o uso do entorno e seu fluxo de usuários.

PALAVRAS-CHAVE: Parque Olímpico Rita Lee; espaços atrativos; Atmosferas de Preferência.

ABSTRACT

This article aims to identify attractive spaces and preference atmospheres in Rita Lee Park, located in Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. The research analyses the dynamics of use, spatial interactions, and occupation patterns of the park on different days, times, and weather conditions. The study begins with the contextualization of Rita Lee Park, analysing its spatiality and relationship with its surroundings. Next, the main theoretical frameworks on sociopetal and sociofugal spaces, urban attractiveness, and preferred atmospheres, which form the basis of the research, are presented. The analysis of the park occurs on two scales: the first analyses its immediate surroundings, understanding its relationship with the dynamics of the park; and the second, on a local scale, uses an experiential approach to identify the most attractive spaces based on patterns of occupation and social interaction. Finally, the studies result in the creation of a table that categorises the park according to the criteria of the Atmosphere of Preference analysis. The discussion evaluates the efficiency of the methods and tools used and seeks to identify strategies for improving the appropriation of the park, relating the use of the surroundings and its flow of users.

KEYWORDS: Rita Lee Olympic Park; attractive spaces; Preference Atmosphere.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Jacobs, os parques urbanos são locais efêmeros e ilustram um desempenho inconstante nas áreas urbanas. Apesar disso, podem desempenhar um papel crucial na promoção da qualidade ambiental urbana e na promoção de funções sociais das populações que habitam essas áreas próximas. O Parque Rita Lee, é um exemplo significativo desse fenômeno, instalado em uma área majoritariamente residencial e inaugurado como parte do legado dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, o parque oferece diversas opções de lazer e esportes. No contexto atual, em que a demanda por espaços livres públicos que favoreçam a convivência é cada vez mais evidente, torna-se essencial investigar as dinâmicas de uso dessas áreas. Dessa forma, o presente artigo pretende aplicar instrumentos e ferramentas de estudo "pessoa-ambiente-comportamento" e avaliação pós-ocupação (APO) em uma abordagem experiencial ao estudo de caso pré-definido: o Parque Olímpico Rita Lee, localizado na Barra da Tijuca, no município do Rio de Janeiro (Figura 01).

Figura 1 - Localização do Parque Rita Lee.



Fonte: IBGE com alterações das autoras, 2025

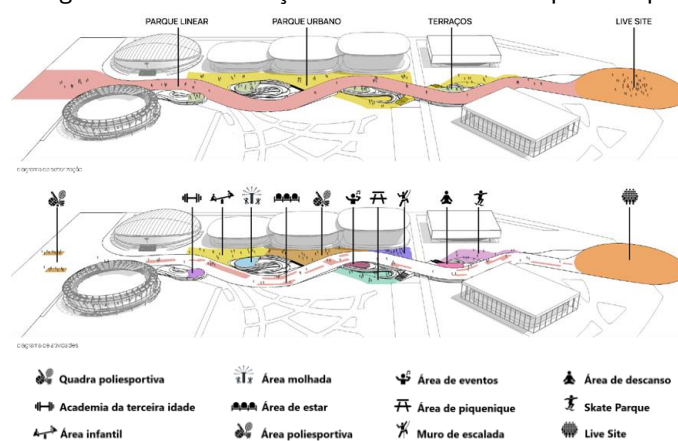
O estudo ainda busca responder à seguinte questão: as propostas projetuais do parque urbano são condizentes com o real padrão de ocupação? A compreensão dessa questão é essencial para identificar as necessidades dos usuários e os atributos que tornam o parque atrativo. Além disso, essa análise pode revelar padrões de comportamento que refletem as dinâmicas sociais e as demandas específicas dos frequentadores. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo é identificar os espaços atrativos e as atmosferas de preferência no recorte explorado do Parque Rita Lee, analisando como diferentes grupos interagem com o espaço em distintos horários e condições climáticas.

A metodologia adotada para o trabalho de campo baseia-se na relação entre espaços sociopetais e sociofugais, espaços atrativos e atmosferas de preferência. De acordo com Lamounier (2017), as atmosferas de preferência relacionam-se a espaços singulares, reconhecidos no contexto urbano por sua capacidade de atrair diferentes públicos. Para a coleta e análise dos dados, foram empregadas ferramentas como caderno de campo, registros fotográficos, gravação de áudio, observação direta, mapas mentais e mapas de calor. Essas abordagens possibilitam a identificação de padrões de ocupação e preferências dos usuários, contribuindo para um entendimento mais aprofundado sobre a atratividade das diferentes áreas do parque.

O projeto do Parque Olímpico Rita Lee busca readequar as instalações da Via Olímpica, originalmente construídas para receber as atividades relacionadas aos Jogos Olímpicos de 2016, que teve a cidade como sede, para novos usos após o fim do megaevento. Nas palavras de Eduardo Paes, prefeito do município do Rio de Janeiro, o projeto vem para ser parte dos “parques urbanos de uso intensivo” (Prefeitura Rio, 2024). A imensa área do projeto (136.000 m²) torna viável tal pretensão. No entanto, o que se observa é uma ocupação aquém da permitida pelas infraestruturas e dimensões do parque.

De acordo com os arquitetos responsáveis, “o projeto centraliza-se na compreensão de que dentro do parque são possíveis e necessários dois usos e ocupações distintas e complementares” (Ecomimesis, 2024). Dessa forma, o projeto é dividido em duas tipologias, como se pode observar na figura 2: (1) Parque Linear, uma via extensa que conecta o acesso principal pela Avenida Embaixador Abelardo Bueno ao Live Site, às margens da Lagoa de Jacarepaguá, também com acesso aos terraços, com diferentes usos; e (2) Parque Urbano, que são áreas adjacentes ao Parque Linear responsáveis por conectá-lo às arenas. Através da paginação colorida do piso, buscou-se setorizar os espaços e seus usos.

Figura 2 - Diagramas de setorização e atividades do Parque Olímpico Rita Lee



Fonte: Ecomimesis, 2024

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de configurações espaciais sociopetal e sociofugal, proposto por Humphry Osmond, destaca como o ambiente físico pode influenciar na interação social. Essa hipótese foi explorada em um estudo de 1958, realizado por Robert Sommer e Hugo Ross, que investigaram a promoção ou não de interações sociais entre pacientes em um hospital psiquiátrico (Pinheiro, 2020).

Os espaços sociofugais são ambientes físicos que desencorajam a interação social, mais especificamente de pequenos grupos, nos quais a maioria dos relacionamentos se desenvolvem (Pinheiro, 2020), esses espaços podem ser representados como amplas áreas abertas. Em contrapartida, os espaços sociopetais são ambientes com disposição a encorajar a interação social. Eles incluem quartos pequenos, graus de privacidade apropriados, espaços personalizados e não institucionais e disposições espaciais que tendem a aproximar as pessoas (Pinheiro, 2020).



É importante considerar, como observado por Hayward (1989), que a percepção do público em relação ao que o parque é para si, assim como a identificação de padrões comportamentais, permite verificar se a usabilidade atual corresponde à usabilidade planejada ou desejada. Isso sugere que os espaços devem ter configurações que encorajem a identidade do lugar e consequentemente a interação social nesses espaços, levando em consideração a subjetividade de escolhas e não apenas padrões projetuais.

O espaço não é apenas “reflexo social”, mas sim, “fator social”, resultante das condições específicas do local (Schlee et al, 2009) e a atratividade dos espaços públicos depende da conjugação de diversos fatores que de aspectos isolados (Lamounier e Carvalho, 2015). Esses aspectos incluem a valorização do espaço como elemento singular, o senso de pertencimento e afetividade e o reconhecimento do espaço como parte de uma tradição consolidada. Neste estudo, os espaços sociopetais estão sendo associados a espaços atrativos, ou seja, ambientes que incentivam a interação social e a apropriação do lugar, considerando tanto sua configuração espacial quanto as subjetividades associadas a ele.

A ideia de Atmosfera de Preferência, de acordo com as hipóteses trabalhadas na tese de Lamounier (2017), está relacionada às vivências cotidianas e sua capacidade de se configurar como memoráveis, podendo vir a ser uma preferência coletiva, por diversos fatores relacionados à atribuição de significados. Aliada à interação entre percepções individuais e valores culturais, esta atmosfera memorável pode se tornar uma atmosfera preferível.

Devido ao pouco tempo de funcionamento do parque, essas atmosferas preferíveis ainda estão em processo de formação. Com o programa estipulado em projeto por profissionais, visando uma determinada forma de uso e apropriação, concorda-se com Thibaud (2015 citado por Lamounier, 2017), que a atmosfera não é construída dessa maneira. É, todavia, uma criação conjunta, entre quem concebe o espaço e quem o vivencia. Atrelado aos fatores temporalidade e hábito, pode-se, mais uma vez concordar com Thibaud (ibidem), “reconhecer o papel ativo dos próprios habitantes na produção de uma atmosfera”.

3 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

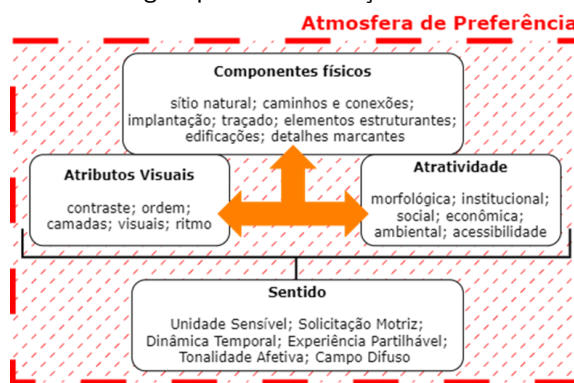
A observação direta é uma técnica fundamental na pesquisa, com o propósito de identificar atitudes e comportamentos no recorte explorado. Essa abordagem permitiu uma análise detalhada do uso do espaço em diferentes dias e horários, possibilitando o registro dos comportamentos e interações dos frequentadores, além disso, facilitou a identificação das atividades cotidianas, o que contribui para a organização das informações coletadas e proporciona uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais no local.

Além do registro no caderno de campo de todas as atividades observadas ao longo dos percursos realizados, também foi utilizado a ferramenta gravador de voz para capturar as sensações da equipe de pesquisa e os sons do parque, permitindo uma análise qualitativa das experiências dos usuários. Outra forma de documentação do percurso foi feita através de fotos e vídeos, que permitiram o registro visual das apropriações do espaço e evidenciaram a interação dos usuários com o parque.

Para uma melhor compreensão dos espaços atrativos e seus níveis de atratividade, foram produzidos mapas de calor. Esses mapas permitiram uma visualização compreensível da dinâmica de uso do espaço, facilitando a identificação de padrões e relações entre os dados observados. Segundo Rheingantz et al. (2009), o mapa comportamental centrado no lugar é uma ferramenta eficaz para o registro gráfico das observações relacionadas às atividades dos usuários em um ambiente específico. Essa abordagem possibilita a identificação dos usos, arranjos espaciais, fluxos e relações espaciais observados, indicando interações, movimentos e distribuição das pessoas no ambiente.

Para identificação dos fatores que contribuem para a definição dos espaços sociopetais e sociofugais no Parque Olímpico Rita Lee, adotamos a metodologia abordada por Lamounier (2017), onde é seguida uma estrutura de análise (Figura 3) baseada em quatro categorias interdependentes entre si: Componentes Físicos, Atributos Visuais, Atratividade e Sentido.

Figura 3 - Estrutura metodológica para identificação e análise em estudos de campo.



Fonte: Redesenhado de Lamounier (2017, p. 236).

Com o auxílio dos dispositivos de análise mencionados anteriormente, foi possível investigar como essas três categorias, reciprocamente, interagem e se influenciam de maneiras diversas, resultando na percepção e preferência das pessoas aos ambientes do parque.

Apesar da interdependência das categorias, cada uma abrange um grupo de quesitos de análise. Enquanto “Componentes Físicos” reúne elementos tangíveis do local, dentre eles edificações e vegetação, a “Atratividade” envolve fatores que tornam o ambiente sedutor, como a segurança e a oferta de lazer. A categoria “Atributos Visuais” é constituída por aspectos estéticos, como cores e ritmos. Por fim, em “Sentido” é apresentado como as pessoas percebem e experimentam o espaço, “engloba aspectos intangíveis que, por vezes, acabam sendo visualmente expressos” (Lamounier, 2017, p. 218).

4. RESULTADOS

Apesar da interdependência das categorias, cada uma abrange um grupo de quesitos de análise. Enquanto “Componentes Físicos” reúne elementos tangíveis do local, dentre eles edificações e vegetação, a “Atratividade” envolve fatores que tornam o ambiente sedutor,



como a segurança e a oferta de lazer. A categoria “Atributos Visuais” é constituída por aspectos estéticos, como cores e ritmos. Por fim, em “Sentido” é apresentado como as pessoas percebem e experimentam o espaço, “engloba aspectos intangíveis que, por vezes, acabam sendo visualmente expressos” (Lamounier, 2017, p. 218).

A experiência no Parque Olímpico Rita Lee foi analisada a partir de diferentes perspectivas, buscando compreender o impacto de seu entorno, os elementos que influenciam sua atratividade e a relação dos usuários com o espaço ao longo do dia, a partir de uma abordagem sensorial e qualitativa, explorando as atmosferas de preferência que contribuem para a percepção e apropriação do parque.

4.1 Atratividade no entorno do Parque

A primeira etapa da análise visa entender o entorno imediato e delimitar o recorte analisado utilizando o raio de caminhabilidade proposto por Gehl (2013), o autor aponta que a maioria das pessoas estão dispostas a percorrer cerca de 500 metros, uma distância considerada confortável para caminhar a pé. Assim, esse raio de caminhabilidade é utilizado para investigar quais características os condomínios no entorno próximo ao parque possuem que podem repelir ou atrair os moradores mais próximos.

No recorte proposto foram identificados nove condomínios residenciais, conforme indicado na Figura 4. Dentre esses, apenas dois — o Condomínio Grand Village e o Condomínio Barra Premier — não possuem quadra poliesportiva, todos os condomínios analisados oferecem piscina, playground, academia e salão de festas. A maioria das áreas não construídas é utilizada como estacionamento, exceto pelo Condomínio Quality Green, que conta com um bosque. Dessa forma, pode-se supor que esportes e atividades que exigem espaços mais amplos, não são realizados eficientemente dentro dos condomínios, levando a supor que os usuários vindos do entorno tendem a procurar espaços para a prática dessas atividades.

Além de atender aos usuários vindos dos condomínios próximos, é importante ressaltar a possibilidade de acesso de outros moradores da cidade através das opções de transporte coletivo vizinhas ao parque. Uma delas é pela estação BRT Parque Olímpico e outra pela Avenida Embaixador Abelardo Bueno, onde há sete pontos de ônibus nas proximidades, sendo um deles em frente ao acesso principal do parque.

Figura 4 - Raio de caminhabilidade aplicado no Parque Olímpico Rita Lee

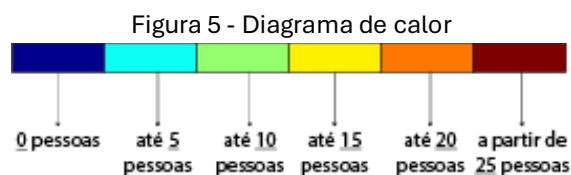


Fonte: Google Earth com alterações das autoras (2025)

4.2 Espaços atrativos no parque

As etapas da pesquisa de campo foram realizadas em três visitas ao Parque Rita Lee, em três “terças-feiras” e em diferentes horários, com o objetivo de analisar as variáveis como frequência dos usuários ao longo do dia; condições climáticas; uso dos equipamentos disponíveis; apropriação dos espaços; entre outros aspectos relevantes. A escolha de analisar em um “dia útil” não apenas coincidiu com o horário das aulas, mas também foi essencial para observar a realidade do parque em um contexto cotidiano. Durante os finais de semana, a dinâmica de ocupação segue a tendência de os usuários terem maior disponibilidade temporal, não sendo esse o cenário que instigou a investigação.

Para essa etapa e melhor apreensão dos espaços atrativos e seus níveis de atratividade no parque, propõe-se um recorte para análise, que dará maior visibilidade ao Parque Urbano, abrangendo seus acessos (BRT e estacionamento), espaços infantil e esportivo, além do skatepark. Para essa análise, serão utilizados mapas de calor, com diferenciação de cores de acordo com as apropriações observadas durante as visitas (Figura 5). Serão empregadas sete cores, correspondendo à quantidade de pessoas avistadas nos espaços: azul escuro (0 pessoas), azul claro (até 5 pessoas), verde (até 10 pessoas), amarelo (até 15 pessoas), laranja (até 20 pessoas) e vermelho (mais de 25 pessoas).



Fonte: As autoras (2025)

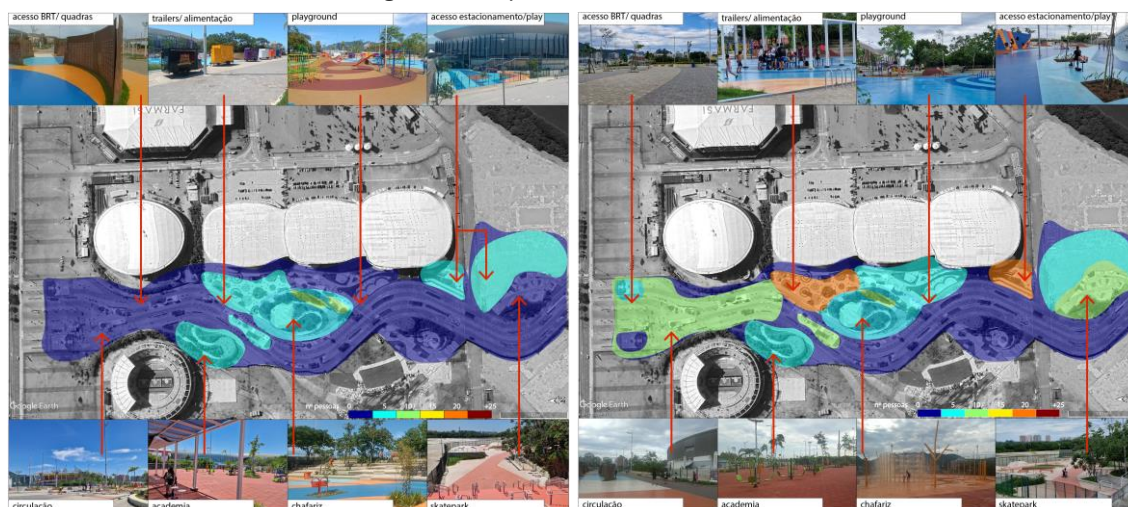
Na primeira visita, realizada na manhã de 26 de novembro de 2024, entre às 9h e 11h, ocorreu o primeiro contato com o parque. As observações iniciais revelaram baixa frequência de pessoas, com baixa utilização dos equipamentos, principalmente devido à exposição solar excessiva, como explicitado na Figura 7. Identificaram-se como espaços mais ocupados, e consequentemente mais atrativos, a trilha arborizada, que representa a parte mais antiga do parque, a área do parque aquático e as arquibancadas que oferecem um ambiente mais confortável devido à arborização. Essas áreas seguem o padrão de espaços sociopetais e atrativos, caracterizadas como espaços bem delimitados, seja pela vegetação, seja pela diferenciação de níveis ou de pisos. Enquanto o parque linear, qualificado como um corredor, com estrutura repetitiva e sem sombreamento adequado, pode ser caracterizado como a área mais sociofugal. A apropriação do espaço foi predominantemente feita por policiais e funcionários do parque exercendo suas funções, com poucos usuários para atividades de lazer, esporte ou permanência, devido à alta incidência solar no momento da visita. As altas temperaturas do piso emborrachado que delimita o espaço infantil também configura como um impedimento de uso dos playgrounds.

Na segunda visita, realizada no período da tarde, entre as 14h e 16h, em 10 de dezembro de 2024, em um dia nublado, verificou-se um aumento significativo no número de usuários, como ilustrado na Figura 6, especialmente crianças saindo da Escola Municipal Isabel Salgado e seus responsáveis. O clima mais ameno contribuiu para que o piso emborrachado não estivesse tão aquecido, facilitando a utilização dos brinquedos por esses grupos. Apesar da redução da incidência solar, a presença dos visitantes permanece nas áreas mais sombreadas, como as grandes mesas com cobertura, localizadas nas proximidades da área de alimentação.

Embora tenha sido registrado um aumento no número de frequentadores, a utilização dos equipamentos ainda foi considerada baixa. No entanto, foi possível notar maior usabilidade dos playgrounds e acréscimo na movimentação em direção à estação BRT, impulsionado pela saída dos alunos. Durante a visita, também foi observado que um dos trailers de alimentação estava em funcionamento.

Com base nas análises realizadas, no período da tarde, os espaços mais sociopetais continuam sendo aqueles inseridos no parque urbano, caracterizados por núcleos com certo grau de intimidade e delimitação, seja por vegetação, desníveis ou diferenciação do piso. Já a área mais sociofugal permanece no parque linear, agora especificamente em direção ao skatepark.

Figura 6 - Mapa de Calor dias 01 e 02



Fonte: Google Earth com alterações das autoras (2025)

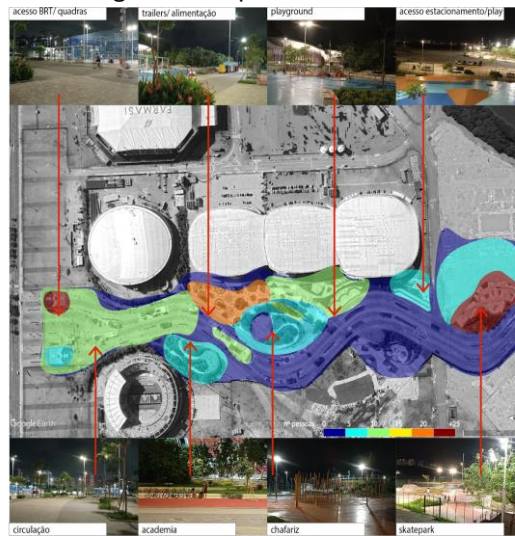
Na terceira visita, realizada na noite de 17 de dezembro de 2024, entre às 19h e 20h, constatou-se um aumento expressivo no movimento do parque em comparação com os períodos matutino e vespertino. A relação entre trabalhadores e usuários para fins de lazer apresentou uma mudança drástica: enquanto pela manhã e tarde os trabalhadores são maioria, à noite essa relação se inverte, com os usuários recreativos predominando. Diferentemente dos outros dias, as quadras estavam densamente ocupadas, evidenciando uma maior vitalidade no espaço (Figura 7).

Nesta ocasião, o parque apresentava uma tentativa de apropriação temática com decoração natalina, utilizando iluminação especial e adereços alusivos à época na área de acesso ao BRT. O estacionamento registrou maior ocupação, enquanto a pista de skate destacou-se como um dos espaços mais utilizados, atraindo pessoas de todas as idades. Identificaram-se diversas formas de apropriação do espaço, incluindo esportes nas quadras e atividades com bicicletas, patins e skate.

A dinâmica entre espaços sociopetais e sociofugais apresentou alterações significativas em relação aos períodos anteriores. A maior concentração de usuários recreativos favoreceu a criação de núcleos sociopetais mais ativos, especialmente nas quadras esportivas e pista de skate. Por outro lado, áreas com iluminação insuficiente, como o caminho do deck e a rampa para a Praça Molhada tornaram-se mais sociofugais, pois a sensação de insegurança reduziu a permanência e circulação nesses locais.

A atmosfera noturna revelou-se mais agradável devido ao frescor da noite, proporcionando uma percepção mais positiva do parque em oposição aos períodos mais quentes do dia. No entanto, a deficiência na iluminação em alguns trechos compromete a sensação de segurança e a atratividade de determinadas áreas.

Figura 7 - Mapa de Calor dia 03



Fonte: Google Earth com alterações das autoras (2025)

4.3 Atmosferas de preferência no parque

A partir das análises realizadas, pôde-se observar os quesitos que respondem às categorias de análise da Atmosfera de Preferência. No entanto, optou-se por resumir as informações coletadas na categoria “Sentido”, ilustradas na Tabela 1, por ela, de certa forma, sintetizar as outras três categorias já mencionadas em tópico prévio (Componentes Físicos, Atributos Visuais e Atratividade). Na categoria selecionada, estão inseridos seis critérios de análise: Unidade Sensível, Solicitação Motriz, Dinâmica Temporal, Experiência Partilhável, Tonalidade Afetiva e Campo Difuso.

A Unidade Sensível refere-se à qualidade da atmosfera em gerar experiências memoráveis, sentimentos e sinestesia, também estando ligada à configuração espacial e seu significado histórico. A Solicitação Motriz investiga como a atmosfera induz ritmos de comportamento, promovendo a ligação entre percepção e ação, tempo e espaço, e conectando seus ritmos internos à dinâmica da cidade (Thibaud, 2015 citado por Lamounier, 2017).

A Dinâmica Temporal considera a atmosfera como um processo constante de criação, abordando a mutabilidade do conteúdo simbólico de seus elementos ao longo do tempo e a participação das pessoas na construção de um senso de liberdade. A Experiência Partilhável foca na capacidade da atmosfera de promover costumes e valores comuns, exclusivos ao local, contribuindo para sua difusão como uma "expressão e produto do modo de vida urbano" (Böhme, 2015 citado por Lamounier, 2017). Já a Tonalidade Afetiva relaciona-se à evocação de emoções e familiaridade por meio de memórias pessoais e à identificação de sinais de apropriação por grupos não-dominantes ao espaço. Por fim, o Campo Difuso descreve a capacidade da atmosfera de se irradiar pelo entorno, configurando uma unidade que não é estritamente delimitada, nos levando a questionar os elementos responsáveis por sua extensão.

Tabela 1 - Atmosfera de Preferência do Parque Rita Lee.

Sentido	Parque Olímpico Rita Lee
“Unidade Sensível”	Utilizando o raio de caminhabilidade (Figura 4) como referência para identificar os pontos que formam a Unidade Sensível do parque, podemos destacar a linguagem visual do local, com murais e pavimentações coloridas, como condutor de ludicidade em meio a uma região urbana. O acesso público, contato e permanência com a natureza são outros recursos que destacam o parque do restante do recorte delimitado para esse estudo. Ambas experiências mencionadas são capazes de proporcionar situações memoráveis, uma das qualidades dessa categoria, no contexto analisado.
“Solicitação Motriz”	A comunicação visual e sinalização escassa, é substituída pelo comportamento dos usuários. Os percursos realizados pelas pessoas e os sons das atividades sendo praticadas é o que orienta os usuários através do parque, principalmente no período noturno, quando o campo de visão é menor podendo trazer uma sensação de constante estado de alerta no indivíduo (Bertuzzi, 2021). Essa dinâmica tende a concentrar grupos de pessoas em determinadas áreas do parque, representado nas figuras 7, 8 e 9.
“Dinâmica Temporal”	Pode-se perceber que a experiência no parque é mutável de acordo com as atividades cotidianas, eventos esporádicos, período do dia e até com o clima corrente. Essas determinações são responsáveis por evidenciar atmosferas que harmonizam dualidades, como por exemplo, permanência e mudança, insegurança e estabilidade (Lamounier, 2017, p.108).
“Experiência Partilhável”	No momento da primeira visita, o Parque Rita Lee possuía apenas seis meses de funcionamento, porém foi possível perceber que certos hábitos já estavam implantados na dinâmica social do local. Por exemplo, a falta de avisos sobre proibições pode estar encorajando o uso subversivo dos espaços existentes ¹ . Grupos pequenos costumam dividir as quadras, onde cada grupo ocupa uma metade da quadra e realiza sua atividade.
“Tonalidade Afetiva”	Com o entendimento de que a atmosfera é pensada antes de ser sentida (Thibaud, 2015, p. 268 citado por Lamounier, 2017, p. 108), e que o “pensar” está ligado a valores e significados pessoais, para esse quesito seria necessário um aprofundamento através de entrevistas e conversas com um número razoável de usuários. Essas experiências puderam ser capturadas ao observar um grupo fazendo uma reunião/piquenique na área próxima aos trailers.
“Campo Difuso”	A sensação de segurança proporcionada pelo acesso controlado ao parque e a constante ronda de funcionários, irradia uma atmosfera de proteção que contrasta com seu entorno imediato. É de conhecimento local a insegurança de se transitar, mesmo que correndo, pela Avenida Embaixador Abelardo Bueno. Essa sensação serve de “plano de fundo” para conectar e permitir outras experiências possíveis no parque.

Fonte: As autoras (2025)

¹ Tais “subversões”, como transitar com bicicleta pelo espaço do parque aquático ou acessar área com plantas frutíferas, apenas são reprimidas com a comunicação verbal de funcionários responsáveis pela supervisão.

5. DISCUSSÃO

A análise realizada ao longo das visitas ao Parque Rita Lee revela diferentes facetas do espaço, a depender do horário e datas. Durante o dia, o parque é predominantemente utilizado em áreas protegidas, cercadas e sombreadas, como a trilha arborizada e a área do parque aquático, onde os visitantes buscam alívio do calor. Por outro lado, durante a noite, o parque se transforma em um ambiente vibrante, com suas vias ocupadas por usuários praticando esportes como patins, skate e ciclismo. Essa dualidade no uso do espaço destaca a versatilidade do parque, que atende a diferentes necessidades e preferências ao longo do dia.

Entretanto, a origem do parque como um espaço destinado a grandes eventos pode torná-lo intimidador para os usuários locais. A vastidão do espaço, projetado para acomodar grandes multidões, pode resultar em uma sensação de desproporção quando utilizado por um público menor. Essa percepção pode desencorajar a apropriação plena do parque por parte dos moradores da região. Por outro lado, essa amplitude englobando pistas largas e bosques frutíferos é exatamente o que os moradores locais carecem: áreas arborizadas e espaços adequados para atividades recreativas e esportivas.

Ainda sobre seus usuários, um parque urbano tende a ter uso contínuo quando localizado em uma vizinhança diversa. Embora a área próxima ao parque seja predominantemente residencial, ela conta com uma variedade de serviços, como torre de escritórios, supermercados, farmácias e escolas. No entanto, devido sua megaestrutura e configuração modernista do bairro, o espaço não se torna tão acolhedor para receber esse fluxo diversificado de usuários:

A variação arquitetônica superficial pode parecer diversidade, mas só uma conjuntura genuína de diversidade econômica e social, que resulta em pessoas com horários diferentes, faz sentido para um parque e tem poder de conceder-lhe a dádiva da vida. (Jacobs, 2011)

Ao longo do período de investigação, observou-se uma tendência variável na ocupação do parque, influenciada principalmente pela incidência solar. Dessa forma, no Parque Olímpico Rita Lee, a definição de sociofugal/sociopetal não está exclusivamente relacionada à configuração espacial, mas também a fatores climáticos. Um maior grau sociofugal foi observado no período em que há maiores temperaturas e sol a pino, levando ao esvaziamento de áreas não sombreadas e evidenciando uma redução no número de frequentadores. No período noturno, o grau sociopetal se intensifica, revelando usuários em áreas que nos períodos da manhã e tarde não possuem tanta adesão. No entanto, algumas áreas, como a “academia da terceira idade” e o “Live Site”, tornam-se mais sociofugais devido à iluminação inadequada, impactando a sensação de segurança e acessibilidade. Assim, os fatores que definem a atratividade dos espaços no parque não são fixos, ultrapassando a configuração espacial e envolvendo aspectos subjetivos, além de condicionantes climáticos e temporais, conforme discutido ao longo do texto.

As limitações impostas pelo tempo disponível para a pesquisa também foram um fator que restringiu o aprofundamento em alguns pontos importantes da análise. A realização de visitas adicionais poderia ter proporcionado uma compreensão mais abrangente das dinâmicas no parque, logo, futuras investigações poderiam beneficiar-se de uma abordagem longitudinal, permitindo uma observação mais detalhada dos impactos de eventos específicos na frequência e no uso do espaço.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o Parque Rita Lee apresenta um potencial significativo como espaço urbano de convivência e lazer, mas enfrenta desafios relacionados à sua configuração espacial e à percepção dos usuários. Ações devem ser adotadas visando a melhoria desses aspectos e, por consequência, a experiência do usuário. Dada a extensa área do parque e as diversas atividades disponíveis, é de extrema importância que se invista em sinalização e comunicação visual no local. Por ser uma atração relativamente nova na cidade é plausível que ela ainda esteja sendo descoberta, entretanto, pode ser contraproducente para a vivacidade do usuário não saber ao menos o quanto terá que percorrer para chegar em uma opção de lazer ou ao sanitário.

Outro ponto de melhoria a ser considerado é o sombreamento na área infantil. A incidência solar sobre o pavimento emborrachado deixa-o com a temperatura significativamente elevada, com risco de ocasionar queimaduras. Com a adoção da ação proposta, o potencial de uso e permanência na área citada tende a aumentar.

Além disso, a promoção de eventos comunitários que incentivem a participação de moradores locais e fortaleçam o senso de pertencimento ao espaço. Possibilitando ao parque a característica de “ambiente interpretativo”, isto é, um lugar que combina um ambiente de lazer com uma experiência educativa ou cultural (Hayward, 1989, p. 197).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

REFERÊNCIAS

BERTUZZI, Felipe Buller. A influência da iluminação pública na segurança urbana noturna. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, Brasil, v. 32, n. 48, p. e174975, 2021. DOI: 10.11606/issn.2359-5361.paam.2021.174975. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/174975>.. Acesso em: 30 jan. 2025.

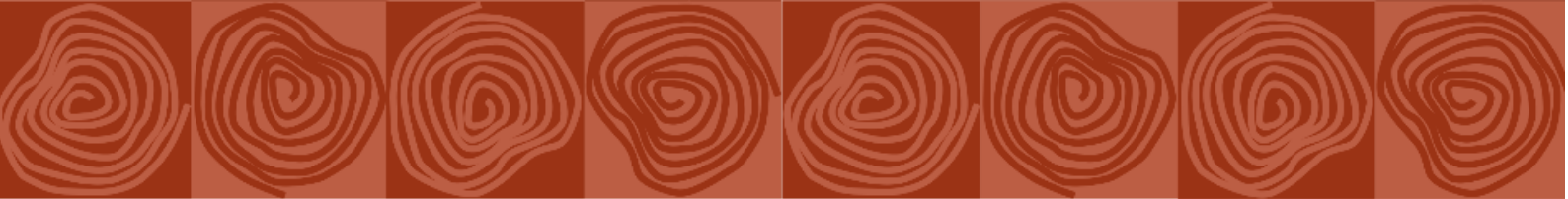
ECOMIMESIS. **Parque Rita Lee**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://ecomimesis.com.br/2024/01/09/parque-rita-lee/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

HAYWARD, J. Chapter 8: Urban Parks: research, planning, and social change. In: ALTMAN, I.; ZUBE, E. H. (ed.). **Human Behavior and Environment: advances in theory and research**. Nova Iorque: Plenum Press, 1989. (Public Places and Spaces). v. 10, p. 193–216.

GEHL, J. **Cidades Para Pessoas**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LAMOUNIER, A. **Atmosferas de Preferência na “Cidade Maravilhosa”**. 2017. Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.



LAMOUNIER, A.; CARVALHO, T. **Atratividade Urbana e Atmosfera de Preferência – a rede de espaços públicos na região do Catete, Rio de Janeiro-RJ**. Brasília: 4ª Conferência do PNUM Morfologia Urbana e os Desafios da Urbanidade, jun. 2015. Disponível em: <https://pnum.fe.up.pt/en-gb/assets/pdf/conferences/pnum-2015_anais_st6-parte-1.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2025

PINHEIRO, M. L. P. de L. R. **Antropomorfização do espaço**: a influência de elementos da configuração espacial na percepção de entitatividade de bairros. 2020. Mestrado em Psicologia - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/47370/1/ulfpie054236_tm.pdf. Acesso em: 27 jan. 2025.

PREFEITURA RIO. **Legado olímpico**: Parque Rita Lee é inaugurado com praça molhada, bosque e área para eventos - Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/legado-olimpico-parque-rita-lee-e-inaugurado-com-praca-molhada-bosque-e-areas-para-eventos-na-barra/>. Acesso em: 27 jan. 2025.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise; QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar**: Procedimentos para a avaliação pós-ocupação. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura. 2009.

SCHLEE, Mônica; NUNES, Maria Julieta; REGO, Andrea; RHEINGANTZ, Paulo; DIAS, Maria Ângela; TÂNGARI, Vera. **Sistema de Espaços Livres nas Cidades Brasileiras – Um Debate conceitual**, In Paisagem e Ambiente (26), São Paulo: FAUUSP, 2009, p. 225-247